

Capoeiragem na Ilha do Diabo, SP

Miltinho Astronauta

Sobre a prática da Capoeira na primeira metade do Século XX, na Ilha do Diabo, atual Parque Estadual Ilha Anchieta, Litoral Norte paulista



Há tempos atrás estive em contato com Mestre Jaime de Mar Grande, no Cambuci, São Paulo, capital. Mestre Jaime é discípulo do saudoso Mestre Paulo dos Anjos, que por sua vez é da "família capoeirística" de Mestre Canjiquinha (Washington Bruno da Silva).

Quando estive com Mestre Jaime para fazer conhecer um pouco sobre a longa trajetória de Mestre Gerson Francisco "Quadrado", e também para saber um pouco sobre a "Verdadeira Capoeira Angola da Ilha". Refiro-me à Ilha de Itaparica, onde está localizada também o povoado de "Mar Grande" e onde, segundo meu saudoso Mestre Cosmo (Sarava!), "para se chegar ali (na Ilha e em Mar Grande), o bom mesmo é de Ferry Boat".

Enquanto Mestre Jaime e eu batíamos um prazeroso papo, falando sobre Mestre Gerson Quadrado, sobre a Angola da Ilha como um todo, sobre as Angolas em São Paulo, sobre o "franchising" de algumas vertentes capoeirísticas,

inclusive angolas, veio-me a mente uma questão:

Haveria algum registro sobre a presença de Capoeira na Ilha Anchieta (antiga Ilha do Diabo, Litoral Norte Paulista), nos tempos antigos, mais precisamente até a década de 1950, ou antes?

1. Ilha Anchieta & Ecologia

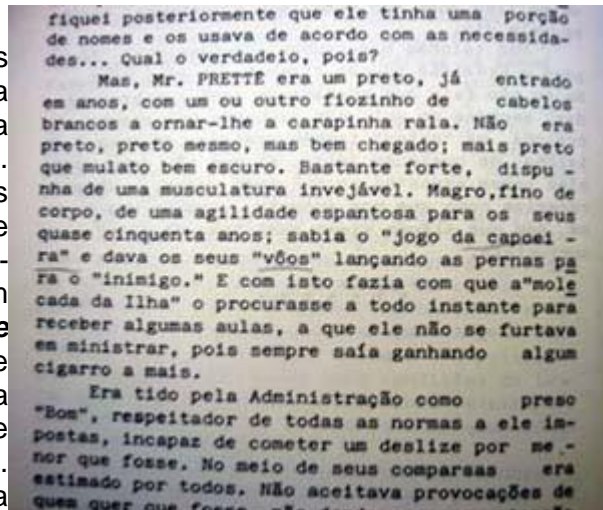
Entre os anos de 1993 e 1997 fui um dos coordenadores de um projeto pioneiro de ecologia na Ilha Anchieta, sendo nosso objetivo o de "Avaliar o Impacto da Introdução da Capivara em Ambientes Insulares". Sobre o projeto, só para se ter uma idéia do impacto ecológico e ambiental, no ano de 1983 foram enviados à ilha sete representantes da espécie Capivara, incluindo-se machos e fêmeas, jovens e adultos reprodutivos. Passada uma década, no ano de 1993, a população de capivaras ultrapassava algumas centenas (300 à 400).

Também não era para menos, pois aquelas capivaras encontraram condições ideais para se alimentar (alimentação abundante), se reproduzir (proximidade à água) e se proteger (ausência de predadores como carnívoros, por exemplo). O Resultado é que

a capivara tornou-se um problema para a recuperação natural da ilha: não permitia a regeneração da vegetação; comia toda e qualquer forma vegetal rasteira ou arbustiva; compactava o solo (por conta de serem "muito pesadas" e pelo solo ser inclinado).

2. De Vadios à população "perigosa"

Enquanto desenvolvia aqueles estudos, sempre encontrei tempo para "folhear" (confesso que com certa displicência) os Livros-Registro da Ilha. Acontece que décadas antes, mais precisamente entre meados da primeira e meados quinta década do século XX (1914-1955), a Ilha Anchieta foi inicialmente um ponto de "**tratamento de vadios e mendigos**" (até 1942) e posteriormente "Instituto Correcional", quando passou a receber presos de alta periculosidade enviados pela Penitenciária do Estado. Cabe lembrar que os vadios citados acima eram aqueles enquadrados no artigo 402 do Código Penal de 1890.



A ilha comportou o Instituto Correcional Ilha Anchieta (ICIA) até o ano de 1955, quando Estado "percebeu" que ali não tinha condições de manter um presídio com segurança. Três anos antes (20 de Junho de 1952) o ICIA sofreu um dos maiores levantes (rebelião) quando os presos amotinados tomaram a ilha. Na época a população carcerária era de aproximadamente 500 detentos, e a população da ilha (soldados, funcionários civis e moradores antigos) de aproximadamente 100 famílias (ou seja, mais 500 pessoas).

3. Capoeira no Instituto Correcional Ilha Anchieta

Em 1986 o Coronel Paulo Viana, pertencente ao 5º Batalhão de Caçadores de Taubaté, São Paulo, publicou seu livro "O Levante da Ilha Anchieta... e Algo Mais". O autor foi diretor do ICIA entre os anos de 1947 e 1950 (talvez não de forma continuada).

Como citei no início desta crônica, algo me dizia que na Ilha Anchieta a prática da capoeiragem se fazia presente no cardápio semanal dos "internos". E não é que estava certo!

De posse do livro citado acima, lá pela página 192, encontrei o seguinte trecho:

"Mas, Mr. PRETTÊ erra um preto, já entrado em anos, com um ou outro fiozinho de cabelos brancos a ornar-lhe a carapinha rala. Não era preto, preto mesmo, mas bem chegado; mais preto que mulato bem escuro. Bastante forte, dispunha de musculatura invejável. Magro, fino de corpo, de uma agilidade espantosa para seus quase cinqüenta anos; sabia o "jogo da capoeira" (grifo meu) e dava seus "vôos" lançando as pernas para o "inimigo". E com isto fazia com que a molecada da ilha o procurasse a todo instante para receber algumas aulas, a que ele não se furtava em ministrar, pois sempre saía ganhando algum cigarro a mais."

Curiosamente o autor comentou que "PRETTÊ" - com dois T's mesmo, pois é assim que ele fazia questão de ser chamado -, apresentava pouco mais de cinquenta anos de idade (*estamos falando do período de 1947 a 1950, quando Paulo Viana foi diretor do ICIA*), o que nos leva a acreditar que Prettê nascera por volta do ano de 1900. Outra informação interessante é o fato do Mestre (*porque não?*) Prettê ter nascido e sido criado no interior do Estado de São Paulo, mais precisamente na cidade de Batatais. Considerando-se que a associação de idéias é válida, podemos chegar às seguintes suposições:

- Se Mestre Prettê tinha, por volta de 1950, seus cinquenta anos, e que em geral a juventude aprendia as práticas de lutas com seus vinte anos de idade, não haveria problema algum supor (*eu disse supor*) que Prettê aprendêra, ainda na década de 1920, sua arte da malandragem (capoeira!);
- Se Prettê era paulista interiorano (Batatais, região de Ribeirão Preto), é se supor que ali a capoeira era no mínimo conhecida e talvez, mesmo que raramente, praticada, sendo então uma região interessante para ser devidamente "historiografada" pelos pesquisadores de nossa arte;
- Será que os capoeiras desterrados do Rio (após 1890 até 1927 - ver livro de Alceu Maynard Araújo) acabaram estendendo-se para Batatais?
- Se o fato do Prettê ser conhecedor da Capoeiragem fazia com que "*a molecada da ilha o procurasse a todo instante para receber algumas aulas...*", isto pode denotar a existência de um **método**, mesmo que informal, do ensino da prática da capoeiragem;
- Considerando-se ainda que Prettê iniciou-se na arte possivelmente na década de 1920, e que ele vivia no interior do Estado, de onde teria "vindo" tal prática e como ele teria absorvido (desenvolvido?) tal método de ensino? Seria um método próprio?

4. Considerações finais

Feitas tais inquirições preliminares, deixo o "Gunga" nas mãos dos historiadores, antropólogos e sociólogos paulistas. Certamente teremos, em breve, mais informações a respeito.

Em tempo, recebi a informação de que existem mais dois livros escritos sobre a Ilha Anchieta e que possivelmente trata - ou cita - também a prática da capoeiragem. O autor desses livros é o Tenente Samuel de Almeida. Para escrever tais livros, segundo o que me chegou, Samuel valeu-se de um levantamento exaustivo de documentos e registros disponíveis sobre a Ilha e sobre o presídio, além de contar com entrevistas preciosas com sobreviventes do Levante de 1952.

Estaremos checando e, seguramente, voltaremos ao tema!